

## O COTIDIANO DA CRIANÇA NUMA REALIDADE AMAZÔNICA: REFLEXOS DA CHEIA DOS RIOS NUM BAIRRO DE PARINTINS /AM

Franci Jander Campos Beltrão (1); Amanda Simas Cunha (2); Elen Cristina Rodrigues Maciel (3);  
Gracy Kelly Monteiro Dutra (4).

*Universidade do Estado do Amazonas-CESP/UEA [jander\\_beltrao@hotmail.com](mailto:jander_beltrao@hotmail.com) (1); Centro de Estudos Superiores de Parintins-CESP/UEA, [amandasimascunha@hotmail.com](mailto:amandasimascunha@hotmail.com) (2); Centro de Estudos Superiores de Parintins-CESP/UEA, [cristinaelenmd@gmail.com](mailto:cristinaelenmd@gmail.com) (3); Universidade do Estado do Amazonas, CESP/UEA, [gracydutra@hotmail.com](mailto:gracydutra@hotmail.com) (4)*

### RESUMO:

As cidades incrustadas dentro da Floresta sofrem transformações em seus espaços. Ambientes, antes secos, tornam-se inundados, o que altera o cotidiano de inúmeras pessoas que habitam a região. Parintins, município do interior do Amazonas, distante de Manaus a 420 km, tem sua realidade urbana alterada. Os bairros periféricos são as regiões que transformam-se com a cheia amazônica. Assim, este artigo analisa a construção da relação criança e infância em espaços urbanos afetados pela Cheia Amazônica, situação representada pelo município de Parintins, interior do Amazonas. Através dessa realidade, durante a disciplina Educação Ambiental do Centro de Estudos Superiores de Parintins (UEA), fez uma análise a fim de conhecer a realidade das crianças em meio às transformações do espaço acometidos pela Cheia. Para isso, realizou-se a investigação de campo, onde se pode observar e coletar os dados, sendo de natureza qualitativa, tendo como técnicas de pesquisa, entrevistas informais com as crianças no local e com uma mãe sobre os riscos na cheia. Assim, os sujeitos da pesquisa puderam contribuir de forma espontânea, expressando seus anseios em torno da relação Infância e Cheia Amazônica. A ausência de um lugar onde a criança possa brincar livremente, sem o receio de animais ou doenças, no período da Cheia Amazônica é preocupante. Infelizmente, reconhece-se que os impactos ambientais acontecem pelo uso irracional dos seres humanos, quando somente visa o lucro e o capital, esquecendo-se de conservar o meio ambiente e as riquezas do planeta.

**Palavras-chaves:** Criança; Bairro; Cheia Amazônica.

### INTRODUÇÃO

Todos os anos a Região Amazônica Brasileira inunda-se nas partes baixas com a cheia dos rios. As cidades incrustadas dentro da Floresta sofrem transformações em seus espaços. Ambientes, antes secos, tornam-se inundados, o que altera o cotidiano de inúmeras pessoas que habitam a região. Parintins, município do interior do Amazonas, distante de Manaus a 420 km, tem sua realidade urbana alterada. Os bairros periféricos são as regiões que transformam-se com a cheia amazônica.

Durante a disciplina Educação Ambiental, do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Amazonas (Pólo Parintins), foi realizado uma pesquisa de campo para discutir a relação Criança e Cheia Amazônica, na área urbana. O bairro escolhido para esta atividade foi de Santa Rita, com o intuito de observar as transformações sofridas na área urbana no entorno de ambientes fluviais.

A pesquisa destacou as crianças moradoras deste bairro, e como estas se relacionam com o ambiente ao desenvolver suas brincadeiras e vivências do dia a dia, ou, evitando-o devido às condições ambientais do mesmo. Assim, a análise da problemática asseverou para uma visão mais crítica acerca da estrutura de ambientes fluviais, discorrendo sobre a percepção das crianças, o que elas entendiam sobre o lugar onde residem e como elas encaram essa realidade.

Diante disso, é de vital importância conhecer a criança em todos os seus aspectos, no desenvolvimento de sua construção social e de sua identidade como sujeito construtor de história, sendo a mesma produtora de sua cultura, através de suas vivências e relacionando-se com a meio onde esta inserida, desenvolvendo-se e construindo suas próprias concepções de mundo. Essa divagação torna-se essencial para o curso de Pedagogia, o qual alenta para condições sociais dignas a todos os sujeitos.

## **SER CRIANÇA: ALGUMAS REFLEXÕES**

O Brasil em 1990, após a promulgação da Constituição Federal em 1988, considerada a Constituição Cidadã, cria o “Estatuto da Criança e do Adolescente” (ECA), o qual prioriza o cuidado e sanções, que servem como punição para quem não obedecem as leis, que protegem as mesmas. Esta Lei Federal de nº 8.069 de 13 de julho de 1990, regulamentou o artigo 227 da Constituição, criando o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Observa-se isso no Art. 227 da Constituição Brasileira de 1988, o qual estabelece que é dever do Estado, da família e da sociedade garantir o direito de crianças e adolescentes à liberdade, à dignidade, à convivência familiar e comunitária, à saúde, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, à profissionalização e à proteção do trabalho. Além disso, prevê a proteção contra qualquer forma de exploração, discriminação, violência e opressão.

As leis implantadas no decorrer da década de 1990, foram resultados de muitas lutas, pois as crianças viviam a mercê de maus-tratos, muitos eram os abandonados e excluídos do convívio social, acabando por se excluídos de direitos sociais. E neste aparato de vida, o encontro de ideais de indivíduos que se mobilizavam com o sofrimento das crianças, foram se concretizando, desenvolvendo alternativas que mudassem essa realidade e a corroborando à criança como pessoa com direitos a serem efetivados.

A criança, nos dias atuais, é percebida como membro fundamental em favor da economia social, encontrando-se envolta de direitos, deveres e desejos a serem supridos, principalmente pelas

transformações tecnológicas em propagandas, jornais, *outdoor* e outros meios de comunicação, que objetivam a informação e a necessidade de consumo da sociedade. Jobim e Souza (1994) argumentam que a descoberta pelo mercado, “a criança vive o paradoxo de ser, ao mesmo tempo, consumidora e objeto de consumo. Sua face passa a ser rótulo até mesmo para produtos que não se destinam a ela” (p 38). Então, mais uma vez, a criança no seu espaço, é separada do mundo do adulto, pelas fortes influências das transformações globais. No entanto, a criança modifica sua visão de mundo através do contato com a família, com o ambiente social e cultural.

De fato, a criança observa as atitudes de outras pessoas, seja de círculos mais próximos ou não, procurando espelhar-se, com o intuito de desenvolver sua linguagem escrita, falada, relacionando com o meio natural. Essa interrelação adulto - criança procura compreender e resolver as problemáticas que poderão surgir no contexto social, diante da criticidade construída com os outros.

Neste sentido, fazendo uma analogia sobre a criança, com relação à infância entre esses dois momentos, tanto na Idade Média e Contemporaneidade, é notório as mudanças que ocorreram no decorrer da construção histórica, em base dos sentimentos construídos e atribuídos à percepção de infância, por conseguinte, da criança no espaço cultural. A criança, através da identidade construída, é cidadã participante e visível em todas as esferas sociais, culturais e ambientais, tornando-se retrato do modelo social vigente e da forma como o sujeito se relaciona com seu entorno.

## **METODOLOGIA: RECONHECENDO AS CRIANÇAS E O ESPAÇO DA PESQUISA**

A pesquisa teve como ponto de partida conhecer a realidade do bairro de Santa Rita em Parintins/AM, a partir da criança, concernente às transformações socioambientais sofridas no período da cheia amazônica. O norteamento do estudo parte do entendimento do espaço apropriado pela criança, como esta usa, se apropria e se identifica nesta socioespacialidade temporária.

A apreensão científica foi desenvolvida, por meio de observações informais e dialogadas, no primeiro semestre de 2014, no qual se explorou a realidade das crianças que ali vivem. Foram dias intensos de coletas de dados, com horários distintos em campo, procurando testemunhar as vivências infantis e o cotidiano das crianças, em busca de informações que pudessem engrandecer o incremento analisado.

Com natureza qualitativa, os sujeitos envolvidos foram duas crianças, 01 menina com 10 (dez) e 01 menino com 12 (doze) anos de idade, que moram no bairro de Santa Rita, os quais foram

entrevistadas nas margens do ambiente fluvial, autorizados por suas mães. Os acadêmicos pesquisadores do quinto semestre do curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas, desenvolveram suas atividades de acordo com a realidade social estabelecida pela cheia, contribuindo para a efetividade do tripé universitário: “ensino – pesquisa - extensão”.

**Figura 1:** Pesquisadores no campo.



Fonte: BELTRÃO *et. all*, 2015.

A pesquisa teve início, com visita ao Bairro, desenvolvendo a observação informal, como forma de coletar dados, promover a identificação e a comprovação das informações registradas. Conforme descreve Lakatos (1996. p, 76): “A observação também obriga o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade”. Assim, os acadêmicos puderam explorar os fatores existentes, no convívio direto com o espaço inundado e das crianças residentes.

Utilizou-se também o uso de entrevista aberta, possibilitando a exploração ao máximo do tema a ser discutido, no qual as crianças puderam ser ouvidas e indagadas sobre o tema, dessa forma, possibilitando o questionamento espontâneo, sem pressionar as respostas impetradas. A entrevista com questões abertas é utilizada, geralmente, na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos (MINAYO, 1993). Como também houve o registro de fotografias do ambiente, da estrutura do espaço, da população, das problemáticas encontradas e a presença das crianças no ambiente fluvial.

Por ser de cunho qualitativo, faz-se uma interpretação dos fenômenos subjetivos, das práticas sociais estabelecidas, para que pudesse compreender a realidade encontrada. De acordo com Coelho

Filho (2013), a pesquisa qualitativa engloba um entendimento holístico do fenômeno investigado, sem generalizar os fatos, apontando para uma realidade singular, com intervenções específicas e inerentes à aquela população e à aquele contexto.

Ao tratar sobre a subjetividade dos sujeitos, o contato com as crianças entre 10 (dez) e 13 (treze) anos de idade, que moram no bairro de Santa Rita, aconteceu em uma conversa informal. De forma espontânea, os sujeitos relataram sobre o meio ambiente em que vivem, principalmente, no período da cheia amazônica, a qual altera o cotidiano de suas vidas.

A pesquisa finaliza com a descrição dos resultados obtidos, apresentados através de mídias em sala de aula na disciplina Educação Ambiental do curso de Pedagogia, difundindo assim uma realidade que muitos vivem, todavia, poucos conhecem. Assim, prioriza-se o pensar das crianças sobre o entorno do ambiente fluvial em que habitam, diante do avanço dos rios sobre os espaços usados para lazer.

## **AS VIVÊNCIAS DA CRIANÇA NO BAIRRO DE SANTA RITA: BRINCADEIRAS E RISCOS**

O bairro de Santa Rita está situado na cidade de Parintins-AM, pertencente à paróquia de Santa Rita, onde abarca em sua composição geográfica, a área de várzea. Anualmente, desde sua fundação sofre com enchentes, causadas pela força da natureza ou da ação antrópica, ocasionados pelo uso inapropriado do meio ambiente.

A pesquisa de campo contou com a participação de crianças que habitam o local, abrangendo as ruas, que no primeiro semestre são afetados pela cheia amazônica. Diante das observações realizadas, pode-se compreender a composição populacional, a rotina do lugar e a situação ecológica do ambiente fluvial.

A cheia do rio altera o cotidiano do bairro. Situação visível na rotina dos moradores, o qual no momento anterior a esta intempérie, as ruas tem grande fluxo de pessoas, veículos e até mesmo de alguns animais domésticos, com o comércio funcionando normalmente. Durante este momento, o estado do ambiente urbano encontra-se bastante complicado para os habitantes. As pessoas adaptam-se de forma flexível, mudando seus trajetos, suas casas e sua vida, para que esta possa permanecer próxima dos seus hábitos e costumes.

**Figura 2:** Ambiente aquífero na época da cheia no Bairro.



Fonte: BELTRÃO *et. all*, 2015.

Constatou-se nas idas à região, características poluentes e desagradáveis nas ruas inundadas do bairro de Santa Rita. O acúmulo de lixo, nessa época de alagações, é visível nas ruas e no rio que passa pelo bairro. Pode-se perceber que os próprios moradores contribuem para com a poluição, jogando o lixo doméstico no ambiente. Mesmo, sendo conhecedores dos riscos que podem se agravar com essas condutas, propositalmente, praticadas, há o despejo frequente de resíduos no ambiente fluvial do entorno do bairro.

Vivendo num espaço com estas apreciações, as crianças, reestruturam suas atividades para estas restrições temporárias. Em diálogo informal com as crianças, notou-se que estas apresentam uma relação de apego e afetividade com o bairro, com o inerente desejo que se torne um ambiente que contenham estruturas adequadas para brincar e se desenvolverem socialmente. Bee descreve (1996) que a exploração que a criança faz do seu ambiente, conduz com o passar do tempo, a uma série de entendimentos ou teorias bastante distintas sobre como o mundo funciona, assim como das pessoas e da relação pessoa e ambiente.

No momento em que passam a observar o acúmulo de lixo doméstico no entorno das margens do rio, manifesta-se um entendimento prévio sobre esta realidade, que pode vir a ser naturalizada ou questionada. Uma educação voltada à valorização do ambiente, seja de qualquer espaço vivido, contribuirá para a sobrevivência dos seres vivos e dos recursos ambientais.

Estimular na criança o reconhecimento crítico de seu entorno, incute uma formação cidadã voltada à valorização da vida. É necessário que discussões sobre a problemática socioambiental façam parte dos conhecimentos da criança, à medida que, diretamente, é afetada pelas ações naturais ou pelos impactos ambientais promovidos ao longo do tempo.

## **A CRIANÇA E O SENTIMENTO DE INFÂNCIA EM ESPAÇOS URBANOS INUNDADOS**

Desde o nascimento, a criança passa por diversas mudanças, tanto estéticas como qualitativas em sua vida, que lhe darão subsídios para que possa crescer e desenvolver-se naturalmente. O contato com outros sujeitos, seja de grupos primários ou não, a criança se constrói como sujeito social e ativo no meio. Bee (1996) argumenta que a criança busca ativamente compreender seu ambiente nesse processo, ela explora, manipula e examina os objetos e pessoas de seu mundo. Nesse sentido, a mesma passa a ter diversos posicionamentos, relacionando tudo que está ao seu redor, construindo ou não, práticas de cidadania, que influenciarão no presente e futuro de sua vida e dos outros.

Aqui se apresenta as falas das crianças. Procurou-se perceber como a criança consegue adaptar os espaços diante da cheia dos rios. As duas crianças pesquisadas entre 10 e 12 anos argumentaram que a cheia dos rios é ruim, visto que por viverem próximas aos rios, às casas das crianças são inundadas. O sentimento ruim que a cheia traz é característico de quem sofre diretamente com as consequências de habitações nas orlas fluviais. A cheia torna-se algo ruim, porque o espaço de segurança e conforto é invadido pelas águas. Muitas famílias saem de seus lares, ou, constroem marombas<sup>1</sup> para continuarem habitando no local. Diante de tal acontecimento, o período da cheia amazônica torna-se algo a ser evitado, todavia, é recorrente todos os anos.

Foi perguntado também às crianças qual a característica ecológica da água próxima de suas casas, ambas responderam que é poluída, com bactérias que promovem a coceira, mijação e a frieira, além de ter jacaré, cobra e sanguessuga. Essa percepção é importante, pois, a escola, como instituição divulgadora de conhecimentos científicos, precisa discutir, criticamente, essa relação água e poluição. A poluição dos rios tem um causador. Em que momento o sujeito se coloca como componente essencial desse processo?

---

<sup>1</sup> Assoalho de madeira colocado acima do piso original das casas.

Por isso, não há uma disciplina específica que apresente os temas ambientais, mas, todas as disciplinas podem apresentar dados, conteúdos e pesquisas que analisem a problemática ambiental. A disciplina História pode apresentar os acontecimentos que proporcionaram alterações no ambiente, a Geografia pode apontar para a relação pessoa - ambiente, assim como, a Matemática pode apresentar estatísticas sobre as alterações climáticas. Isso cabe ao interesse do professor.

**Figura 3:** Adaptação dos sujeitos no ambiente inundado.



Fonte: BELTRÃO *et. all*, 2015.

A água é elemento vital na vida de qualquer ser vivo. O grande problema ambiental é a poluição hídrica, apesar de inúmeras alternativas para contornar isso, ainda se vê nas cidades, os ambientes fluviais altamente degradados. E alguns desses reflexos foram apresentados nas falas das crianças.

Um dia, a mamãe e o papai falaram pra mim, não brincar nessa água, porque pega um monte de micose e disse também que tem muito banheiro que fica no fundo, quando a água esta cheia, aí vem... Sai muitas bactérias de dentro do banheiro (MENINA DE 10 ANOS).

A formação do indivíduo em seu meio ambiente é bastante influenciada pelos conceitos e condutas exploradas por seus familiares. Percebe-se nas respostas dos sujeitos da pesquisa citados acima, que as aprendizagens sobre si e o entorno partem do convívio social. Sobre isso, Corsário afirma que é um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses, que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares (1997). Diante disso, as crianças constroem e reconstróem seus anseios mediante as informações que lhe é proporcionada no decorrer de sua construção como sujeito. Conforme fala da Menina de 10 anos: “A água é suja, cheia de

garrafa, sacolas e muitas vezes, a gente mesmo acaba fazendo que isso aconteça, porque nós não temos o cuidado de pegar as garrafas e colocar no lixo, pra ir pra um lugar adequado [...]”.

Nesta questão, somente a menina sentiu-se segura em responder. A criança observou que as alterações ambientais são proporcionadas pelo ser humano, discorrendo, de forma suscita, sobre os fatores que se fazem presente na poluição do ambiente fluvial. Freire (1992) ressalta que a Educação como prática da liberdade, é alimentada pelo processo de conscientização, um momento do desvelamento da realidade social, como se fosse uma espécie de motivador psicológico de sua transformação.

Desta forma, as crianças estão subsidiadas por informações que a levem a uma tomada de posição, sendo que a partir da observação do ambiente fluvial em degradação, elas próprias podem através da reflexão educativa modificar as formas de convívio e de cuidado com o cuidado com o ambiente ao qual se inserem.

Na pergunta sobre se as crianças acham legal, ter água na frente das casas, estas falam que: *“Um pouquinho. Quando não tinha água, a gente achava divertido andar de bicicleta, não pisávamos na água, agora tem essa água, não brincamos direito”* (MENINA DE 10 ANOS). Os sujeitos demonstram que a água ao começar inundar a rua, era legal, dava para brincar normalmente ou até brincadeiras diferentes. No entanto, com o aumento da correnteza do rio sabem que é bastante difícil brincar na água, devido à locomoção restrita e aos perigos sofrem com os animais que vivem no rio. As crianças pesquisadas proferiram que não gostavam de ter água na rua, pois, as impossibilitavam de desenvolver as brincadeiras que mais gostavam nas horas vagas.

Bee (1996) afirma que o desenvolvimento de uma criança é o produto do social, e alguma interação entre o meio ambiente. Neste sentido, observou-se a vontade incessante do início da vazante, para que tudo voltasse ao normal, porque só assim poderiam viver livremente no seu espaço de aconchego.

Em contato com a mãe da menina de 10 anos, foi perguntado qual é a maior preocupação nessa época de cheia amazônica com as crianças. A genitora respondeu o seguinte: *“A preocupação é com os animais, com cobras e jacarés, é muito arriscado deixar, elas brincarem perto do rio, e a poluição da água traz muitas doenças”*. É notória a preocupação materna com as crianças num espaço urbano inundado, pelo fato de haver a presença de animais perigosos no local e pelos fungos ocasionados pela poluição.

O cuidado sobre o espaço apropriado pelas brincadeiras é recorrente nos familiares, principalmente, no que se refere à saúde infantil. É no período da cheia amazônica que as crianças

sofrem com as doenças zoonóticas, assim, multiplicando o atendimento hospitalar, que na maioria das vezes, não atende satisfatoriamente os doentes.

Habitar no entorno de espaços urbanos inundados propicia condições específicas para os moradores, e ainda mais, para as crianças, que é o público mais vulnerável a esta realidade. Brincar nas ruas transformadas em rios torna-se um dilema. Ficar dentro da casa inundada apresenta-se como um outro dilema no cotidiano de pais e crianças. Diante deste fenômeno natural, questiona-se: o que fazer?

Percebeu-se nas visitas ao bairro de Santa Rita, que brincar é vital para o Ser Criança. Seja o espaço inundado ou não, a criança precisa socializar-se de alguma forma, seja brincando em suas casas inundadas ou nas ruas alagadas. Conhecer esta realidade aflora a necessidade de discutir ainda mais a temática ambiental no cotidiano, seja na escola, na rua ou em casa. Pensar e abraçar a qualidade ambiental dos recursos ambientais é vital para a qualidade da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa corroborou para outro pensar sobre a relação pessoa e ambiente, especialmente, quando há crianças envolvidas nesta retórica. Discutir os reflexos da cheia amazônica no cotidiano de crianças parintinenses, do bairro de Santa Rita, foi imprescindível para haver o entendimento do entrelaçamento das ações humanas nos rumos socioambientais.

Trazer para a academia esta abordagem, incute uma formação acadêmica mais humana, onde o outro torna-se parte de cada um. Aponta-se diante dessa problemática, a importância de políticas públicas condizentes com a realidade do povo, sem serem paliativas, mas transformadoras.

As falas das crianças proporcionaram aos acadêmicos da disciplina Educação Ambiental, reflexões sobre as experiências vivenciadas naquele espaço urbano inundado, como também para uma nova tomada de posição por parte dos sujeitos pesquisadores, em relação ao meio ambiente e suas expectativas por uma conservação ambiental e qualidade de vida. Ao ir a loco, deparou-se com o uso indevido dos recursos ambientais e os impactos de quem mora no entorno de ambientes fluviais degradados, os quais são os que mais sofrem com essa realidade.

A ausência de um lugar onde a criança possa brincar livremente, sem o receio de animais ou doenças, no período da Cheia Amazônica é preocupante. Infelizmente, reconhece-se que os impactos ambientais acontecem pelo uso irracional dos seres humanos, quando somente visa o lucro e o capital, esquecendo-se de conservar o meio ambiente e as riquezas do planeta.

A Educação Ambiental não é uma disciplina específica, isolada e utópica. É inerente ao ser vivo. Conservar os recursos ambientais torna-se imprescindível para a vida. Quanto mais se reduz o ambiente, mais se reduz a vida.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

ANDRÉ, Marly Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 18. ed. Campinas, São Paulo. Papirus, 2012.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**; trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**/ Secretaria Especial dos Direitos Humanos: Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC, ACS, 2005.

COELHO FILHO, Mateus de Souza. **Iniciação científica na formação de professores**: contribuições epistemológicas. Curitiba: Appris, 2013.

CORSARO, W. **Sociology of childhood**. California: Pine Forge Press, 1997.

DEL PRIORE, Mary (org). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido/ notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JOBIM; SOUZA, Solange Jobim. **Infância, Conhecimento e Contemporaneidade**. Campinas, 1994.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 6.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

